

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
JORNALISMO

ANA FLÁVIA RODRIGUES DE GODOY

OS ESPAÇOS DA MULHER NO FUTEBOL:

Uma análise sobre quem joga, torce e cobre

NITERÓI

2019

1. Resumo:

Esse projeto apresenta uma análise crítica a três possíveis papéis desempenhados pelas mulheres no futebol: jogadoras, torcedoras e jornalistas. À luz de Simone de Beauvoir, Djamila Ribeiro e outras pensadoras sobre os temas específicos, discutem-se as raízes históricas que ainda aprisionam o gênero feminino aos estigmas do patriarcado e dificultam sua performance nos lugares sociais em que escolhem estar. Há, ainda, a busca para o entendimento sobre as formas de opressão pelas quais essas mulheres são submetidas e os meios que encontram para resistirem a elas.

Palavras-chave: jogadoras, torcedoras, jornalistas, patriarcado, opressão.

2. Objetivos e justificativas:

A importância do estudo sobre o tema em questão se dá ao passo que vivemos em uma sociedade que, em pleno século XXI, ainda se encontra presa às raízes patriarcais. Não há mais como se basear em gênero para definir quem pode ou não realizar determinadas atividades, de forma que, com o futebol, não poderia ser diferente.

Logo, esse projeto tem como objetivo central analisar o lugar das mulheres dentro e fora do futebol. A partir daí, pensar naquelas que jogam, torcem e cobrem esse esporte, de forma a desconstruir estigmas históricos sustentados pelo preconceito institucional ainda presente nos dias atuais. Afinal, com o avanço das novas tecnologias e dos movimentos sociais, torna-se imprescindível entender de que modo a sociedade se porta em todos os aspectos, especialmente, no que tange a gêneros.

3. Metodologia:

Trata-se de uma pesquisa qualitativa a fim de entender as vivências dos corpos femininos imersos em um universo que se pré-define como masculino. Por meio de entrevistas e análises de documentos jornalísticos, embasado na produção científica de mulheres, o projeto visa a entender suas motivações, vivências e formas de existir resistindo nesses espaços.

As entrevistas serão realizadas com mulheres de torcidas femininas organizadas, jornalistas que ainda estão iniciando no mercado esportivo e com jogadoras dos grandes clubes do Rio de Janeiro, que não têm a menor visibilidade na mídia se comparadas aos jogadores. As matérias analisadas terão um recorte entre as que foram feitas antes da Copa do Mundo Feminina e as que foram feitas depois. Afinal, é importante entender que, quando é conveniente para a mídia, muito conteúdo sobre o tema é produzido e, geralmente, por homens.

4. Introdução:

A nossa história é baseada na opressão patriarcal que diminui, mata, desestimula e oprime mulheres todos os dias. Sempre foi assim: “Diferenças biológicas são utilizadas como “desculpas” para se negar direitos às mulheres; [...] para legitimar desigualdades” (RIBEIRO, 2013, PP. 509) É verdade, porém, que os novos tempos vêm trazendo pequenas revoluções cotidianas e dando a quem também é de direito o voto e o trabalho regularizado, mas a possibilidade de escolha sobre seu corpo ainda é algo a ser conquistado. Para quem cresceu ouvindo que seu gênero determina suas atividades, é bom olhar em volta e perceber corpos femininos em quantidades cada vez maiores, tomando seus lugares e fazendo aquilo que lhes convém. E no futebol, que sempre foi coisa de homem, pequenas revoluções cotidianas vêm tomando força e aumentando a visibilidade e o respeito às mulheres em seus diferentes espaços.

A teoria de que existem atividades e trabalhos que só podem ser realizados por determinado sexo é facilmente refutada se assumirmos que as pessoas não nascem definidas, suas características são influenciadas pela sociedade e pela cultura em que estão imersas. É isso que o existencialismo de Simone de Beauvoir, sob a ótica feminina, defende. Já que “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher” (BEAUVOIR, 1949, PP. 8), não há nada no mundo que impeça uma mulher de jogar futebol, por exemplo, ou um homem de fazer balé. Isso tudo é construído a partir de estigmas culturais impostos historicamente e, muitas vezes, sem que percebamos. “O problema reside na afirmação de que por ter úteros e ovários a mulher seria inferior – em sentido político, moral ou mesmo intelectual – em relação ao homem.” (RIBEIRO, 2003, PP. 507)

O futebol, por ter vindo da Europa ao Brasil no final do século XIX, tem uma base machista e conservadora por si só. Quem o praticava na época, jamais imaginaria que, hoje, a pessoa que mais fez gols em copas do mundo seria uma mulher. As senhoras, parentes dos jogadores, que assistiam às partidas tomando chá, sentadas à beira do gramado, nem sonhariam com as festas que as torcidas organizadas fazem na arquibancada e que parte de suas lideranças é feminina. As jornalistas, que se escondiam atrás de pseudônimos para terem seus textos postados, ficariam orgulhosas com um mercado cada vez mais feminino. Tudo isso indo contra a ideia de que gênero é fator determinante de atividades.

Embora muito já tenha sido conquistado, o espaço da mulher dentro do futebol ainda é muito apertado e cheio de limitações. Quem vive a realidade de jogar, torcer ou cobrir o

esporte tem que lidar, a todo tempo, com questões que passam desde a objetificação de seus corpos até a rejeição por parte de chefes e da própria família. Portanto, para muito além de uma prática esportiva, o futebol se tornou palco de inúmeras resistências individuais e coletivas, onde a estratégia é, juntas, driblar as amarras do patriarcado e calar aqueles que insistem em dizer que futebol não é coisa de mulher.

5. Sobre as jogadoras

As conversas sobre futebol feminino vêm sendo mais frequentes nos últimos tempos. As seleções estão ganhando mais visibilidade e, finalmente, o mundo está tendo a oportunidade de entrar em contato com elas. Mas esses fatos são muito recentes, posto que de 1941 a 1975, o futebol era um esporte proibido para mulheres, pois, de acordo com a lei que punha isso em prática, não se tratava de um esporte compatível com as suas condições de natureza. “Se o esporte é um espaço que possibilita o exercício de sociabilidades, por que determinadas modalidades, ao invés de serem incentivadas, são consideradas, mesmo no século XXI, como uma ameaça?” (GOELLNER, 2005, PP.146) Mais uma vez, a biologia é posta como justificativa para a inequidade de gênero imposta socialmente.

Acredita-se que, mais do que por uma simples satisfação do patriarcado, havia, e ainda há, a tentativa de manter a velha história da fragilidade feminina, pois ela ajuda a sustentar o machismo estrutural inculcado em nossa sociedade. Isso tudo gera, porém, uma grande contradição, haja vista que, ao usarem a biologia como justificativa para as mulheres não poderem praticar esportes como o futebol, os mais conservadores se esquecem de que os corpos femininos são quem realizam a famosa tripla jornada e não sucumbem. Ou seja, não precisa de muito esforço para refutar o argumento biológico, ele o faz por si só.

E, se não há mais nada contra, por que ainda há tanto preconceito com o futebol feminino? Esse esporte tão cheio de adrenalina desnuda homens e mulheres de estigmas ou qualquer amarra que venham a ter. Entretanto, no caso da mulher, ainda falta muito para que essa “nudez” seja respeitada. Para entender isso, precisamos pensar sobre questões como a objetificação do corpo e a exigência de que se esteja sempre limpa, cheirosa, pronta para cuidar do lar e ter filhos.

É quase absurdo que, em pleno século XXI, jogadoras de futebol tenham que arcar com homens as tratando como meras mercadorias. A mídia tem uma forte influência sobre essa situação, afinal, já foi capaz de alterar tamanhos dos uniformes para atrair mais audiência, por exemplo.

“O apelo à beleza das jogadoras e a erotização de seus corpos tem como um dos pilares de sustentação o argumento de que, se as moças forem atraentes, atrairão público aos estádios e, portanto, ampliarão os recursos captados com os jogos, propagandas, produtos e serviços a girar em torno da modalidade. Atrairão, sobretudo, patrocinadores, cuja ausência é comumente apontada pela mídia esportiva como um dos grandes problemas do futebol feminino no Brasil.” (GOELLNER, 2005, PP. 147)

Infelizmente, alguns ainda veem o futebol feminino como uma forma de dar prazer aos homens e, não, como uma prática séria de esportes que, assim como na modalidade masculina, deveria ter credibilidade e respeito. Talvez, até mais do que isso, já que as jogadoras, para se manterem ali, precisam de um esforço redobrado. Afinal, o patrocínio só aparece em época de grande visibilidade, como Olimpíadas e Copa do Mundo, logo, é difícil para uma jogadora profissional se manter apenas com o salário do clube em que joga. Muitas delas acabam tendo que trabalhar em outras posições, como treinadora de categorias mais baixas.

Além disso tudo, a discussão sobre a sexualidade das jogadoras é mais um empecilho em suas vidas. Quando crianças, as meninas que gostam de jogar bola logo são taxadas com apelidos ligados ao sexo masculino e acabam crescendo estigmatizadas por isso, quando, na verdade, só estavam sendo crianças e exercendo seu poder de escolha.

Se a menina apresenta, antes da puberdade, alguma determinação de gênero previamente imposta, “[...]é porque a intervenção de outrem na vida da criança é quase original e desde seus primeiros anos sua vocação lhe é imperiosamente insuflada, [...] é um destino que lhe é imposto por seus educadores e pela sociedade.” (BEAUVOIR, 1949, PP. 10) De modo que se cria uma regra: todas as jogadoras de futebol são lésbicas, ignorando o fato de muitas delas serem casadas com homens ou, simplesmente, serem homossexuais, mesmo. Mas, dentro de campo, elas utilizam seus pés para jogar, de forma que as pessoas que as esperam fora dele não influenciam nos resultados dos jogos.

É importante entender a realidade dessas mulheres para que, então, se compreenda, também, o porquê de o futebol feminino não ser tão reconhecido. Percebe-se então que, em seu cotidiano, elas têm de lidar com adversários muito maiores do que aqueles dentro de campo. A mídia, inclusive, tem papel fundamental nessa dificuldade.

“O que se observou é que as mensagens e significados do “quarto poder”, por meio de metáforas de fragilidade, estética, masculinização e resistência, apresentam-se cercada de estereótipos, interdições, polêmicas e normatizações sobre a prática do futebol feminino.” (MOURÃO, 2005, PP. 53)

Felizmente, as novas gerações vêm trazendo consigo a esperança, tanto de futuras jogadoras incríveis, quanto de pessoas que saibam respeitar e apreciar o bom esporte.

6. Sobre as jornalistas

Os direitos femininos vêm sendo conquistados com muito esforço e, geralmente, levam bastante tempo para serem efetivados. Foi assim com a educação, com o voto e, claro, com o mercado de trabalho formal. Digo “formal” porque mulheres negras, que foram escravizadas, e pobres sempre trabalharam informalmente. A inserção feminina no jornalismo, então, demorou bastante até que se concretizasse, tanto que, ainda hoje, nota-se maior valorização dos homens em bancadas de jornais, por exemplo.

Entre o final do século XIX e o início do XX, mulheres precisavam de pseudônimos para escreverem em jornais e, muitas vezes, os editores nem sabiam quem eram as autoras. Certamente, se soubessem, não publicariam os textos. Até quando, em 1855, foi criado o primeiro jornal só de mulheres, as autoras das matérias permaneciam em anonimato (CASADEI, 2011) por, provavelmente, terem medo de rejeição.

Mas os tempos são outros e as mulheres conquistaram seu lugar no jornalismo. Dessa vez, não para falar sobre os princípios de uma boa esposa ou publicar receitas, a profissão permite que diversas áreas sejam ocupadas. Inclusive, a do jornalismo esportivo que, até pouquíssimo tempo atrás, era feito por e para homens. Contudo, ainda que esse espaço tenha sido ocupado, ainda falta muito para que se chegue ao ideal.

Por si só, a área esportiva tem tomado rumos que divergem do princípio base do jornalismo, que é passar uma informação. Para muitos autores, trata-se de reformulação em direção ao entretenimento. Há, portanto, certa “banalização da notícia, descaso com a técnica jornalística, exacerbação do humor, reinterpretação do conceito de criatividade, empobrecimento do texto e (a mais grave) forte tendência a transformar o jornalista não apenas em um artista, mas na própria notícia” (OSELAME, 2010, PP.65) No caso das mulheres, essa última problemática se agrava por conta da objetificação de seus corpos. A partir do momento em que o jornalista vira uma espécie de apresentador, sua relação com o público, propositalmente, muda, torna-se algo mais próximo e dinâmico e, por isso, abre espaço para que as jornalistas sejam parte desse entretenimento. “Tudo vira piada, tudo é motivo de riso. Até mesmo a entonação dos repórteres parece ter sido alvo de orientações no sentido de que, em qualquer circunstância, eles devem parecer alegres em frente ao vídeo – especialmente as mulheres.” (OSELAME, 2010, PP. 67).

Os eventos ligados ao futebol servem perfeitamente de exemplo para esses casos de objetificação. Diversas vezes, em transmissões ao vivo, vimos repórteres sendo assediadas

por torcedores, o que sempre gera um profundo desconforto por parte dessas mulheres e de quem está assistindo. Afinal, nós nunca presenciamos nenhum caso de um homem, no exercício de sua profissão, sendo interrompido por conta de assédio.

Ou seja, é raro vermos uma equipe de onde pelo menos metade seja formada por mulheres e as poucas que conseguem se manter ainda têm de lidar com objetificação, menos espaço nos debates e, muitas vezes, salários menores apenas por sua condição de gênero. O fato de o jornalismo esportivo estar se tornando parte do entretenimento agrava mais ainda as questões de inequidade. Mesmo assim, embora lentamente, o mercado tem se aberto cada vez mais às jornalistas e, num futuro próximo, a expectativa é de que vejamos mais corpos femininos nesses ambientes.

7. Sobre as torcedoras

Ocupar espaços majoritariamente masculinos tornou-se uma prática comum das mulheres nos dias atuais. Sobretudo nas arquibancadas, lugar onde homens gostam de performar sua masculinidade, a resistência feminina tem gerado espaço para torcedoras apaixonadas que não toleram mais assistir aos jogos do sofá. Afinal, lá é onde os rótulos sociais são ignorados em prol de um objetivo comum: torcer pelo time de coração.” O torcedor é uma figura que por diferentes modos experimenta o mundo através do futebol e experimenta o futebol através do mundo, vivenciando valores, sentimentos e hábitos despertados pelo quique da bola.” (COSTA, 2006, Pp. 10) Sendo assim, gênero não deveria mais ser um tabu num meio que é conhecido por fazer uma massa virar um grupo homogêneo, geralmente, unido. Digo “geralmente” porque ainda há muita violência entre torcidas organizadas.

Essa violência é usada como desculpa de alguns conservadores para justificarem que arquibancada não é lugar de mulher. Em resposta, estão surgindo pelo país torcidas lideradas e compostas apenas por mulheres. “A mulher como-ser-que-torce vem se configurando um perfil feminino cada vez mais comum, perfil que se manifesta por diferentes meios que vão desde as arquibancadas até os espaços virtuais da Internet.” (COSTA, 2006, Pp. 1) E, ainda que de times diferentes, as torcedoras se unem todo ano em um encontro (que pode ser nacional ou estadual) para trocar experiências e articular formas de luta pelo seu direito de torcer e se dedicar aos clubes de coração tal qual os homens sempre puderam fazer só que, agora, sem violência e sem briga de ego.

É interessante perceber que não se passa pelas pequenas conquistas femininas sem desconstruir estigmas que homens impuseram sobre o gênero. Nesse processo de empoderamento e ocupação do espaço da arquibancada, não poderia ser diferente. Afinal, para além de terem seu orgulho ferido por mulheres que invadem sua zona de conforto, há, ainda, o fato de que, por considerarem o futebol “coisa de homem”, os homens não assumem que as mulheres entendem, verdadeiramente, o esporte e são capazes de opinarem sobre ele. Por experiência própria da autora desse projeto, toda vez que nos aproximamos de algum assunto relacionado aos jogos, por exemplo, surge a famosa pergunta sobre o que é impedimento, enquanto os outros elementos da conversa nem sequer são questionados.

“as mulheres, quase sempre dissociadas do esporte mais popular do país, ainda precisam mostrar que não apenas gostam, mas que também são capazes de compreender o futebol em seus múltiplos aspectos. Elas carecem de credibilidade

como torcedoras. Credibilidade que também se vê diminuída por conta da pouca experiência feminina na prática do jogo, afinal comparado aos homens não é grande o número de mulheres que praticam futebol como profissional ou mesmo amadoras.” (COSTA, 2006, Pp. 2)

Por conta dessas questões, em 2018, surgiu o movimento #DeixaElaTorcer, que visa a combater o machismo nas arquibancadas e evidenciar que o lugar da mulher é, ou deveria ser, onde ela escolher estar. Alguns clubes embarcaram na ideia e promoveram campanhas de apoio ao grupo que envolve mulheres do país todo.

A partir disso tudo, conseguimos perceber que, embora com muita dificuldade, as arquibancadas estão sendo ocupadas pelas mulheres. O objetivo é que se torne um ambiente menos hostil para elas e que gênero não seja mais um motivo de discriminação dentro das torcidas. O alento das torcidas deve ser algo coletivo e, não, segregador.

8. Considerações finais

É fato que a luta feminina por equidade de gênero ainda é uma estrada muito longa, principalmente, porque ela está atrelada a outras lutas como as de raça, classe e sexualidade. Entretanto, pequenas revoluções diárias impulsionam mulheres de todos os tipos a buscarem sempre mais. Dentro do futebol, já foram conquistadas algumas vitórias que simbolizam a força e a resistência feminina em um meio tão masculinizado.

Falta que todos percebam que a biologia não é um fator determinante para as violências e opressões ligadas ao gênero. É preciso, ainda, que os parâmetros sobre que é atividade de mulher sejam desconstruídos e parem de ter tanta influência nas vidas daquelas que anseiam por sua liberdade social, profissional e sexual.

É perceptível que o Brasil é, sim o país do futebol, mas seleciona aqueles que podem estar inseridos nesse esporte que tem o poder de juntar as pessoas. Ao desvalorizar jogadoras, desestimular jornalistas e discriminar torcedoras, a sociedade contribui para um atraso em seu desenvolvimento e afasta aqueles que gostariam de estar juntos. As mulheres, ao ocuparem lugares que não se destinam a elas, contribuem positivamente para mudar esse quadro de estigmas impostos pelo patriarcado e seus conservadores.

9. Bibliografia:

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo: a experiência vivida**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1960.

RIBEIRO, Djamila. **Para além da biologia: Beauvoir e a refutação do sexismo biológico**. 2013. In: I Encontro de Filosofia e Gênero – Universidade São Judas Tadeu, São Paulo, 2013.

GOELLNER, Silvana Vilodre. **Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades**. In: Revista Brasileira de Educação Física e Esporte. São Paulo, v.19, n.2, p.143-51, abr./jun. 2005.

MOURÃO, Ludmila. **As narrativas sobre o futebol feminino: o discurso da mídia imprensa em campo**. In: Revista Brasileira de Ciência do Esporte. Campinas, v. 26, n. 2, p. 73-86, jan. 2005.

PONTES, Luciana. **Mulheres brasileiras na mídia portuguesa**. In: Cadernos Pagu. Lisboa. Julho-dezembro de 2004, pp.229-256.

OSELAME, Mariana Corsetti. **Padão Globo de Jornalismo Esportivo**. 2010. Pontifícia Universidade Católica. Porto Alegre.

CASADEI, Eliza Bacheg. **A inserção das mulheres no jornalismo e a imprensa alternativa: primeiras experiências do final do século XIX**. In: Revista Alterjor. São Paulo, v. 01, edição: 03. 2011.

COSTA, Leda Maria da. **Marias Chuteiras x Torcedoras “autênticas” Identidade feminin e futebol**. In: XII Encontro Regional de História. Rio de Janeiro. 2006.